

**Faculdade Internacional de Teologia Reformada – FITREF**  
**Curso de Bacharelado em Estudos Bíblicos – B.B.S.**  
**BI 303 – Metodologia da Pesquisa Exegética – Prof. Rev. Dr. Tarcizio Carvalho**

**Aluno: SAULO XAVIER DE SOUZA – saulo@ipb.org.br**

**Atividade – AULA 10 – A crítica textual do NT**

**DECLARAÇÃO DE LEITURA**

Declaro para os devidos fins que realizei a leitura do texto do Rev. Paulo Anglada, cujo assunto trata sobre Crítica Textual do Novo Testamento. Atenciosamente, Saulo Xavier.

**RESUMO DA LEITURA & POSICIONAMENTO PESSOAL FINAL**

Em seu texto, o autor se propõe a apresentar, de forma breve, um resumo da história do texto grego impresso do NT, como também, a expor a teoria do Wescott-Hort e apresentar críticas a essa teoria a partir do que outros estudiosos têm dito sobre o assunto, para fomentar no leitor uma atitude analítica cautelosa diante da aparente indisputável supremacia dos textos ecléticos. Nesse sentido, em termos de percurso histórico, o texto apresenta os períodos pelos quais passou o texto grego impresso do Novo Testamento, de forma que, tem-se três períodos, isto é: o primeiro período, ou período não-crítico; o segundo período ou período pré-crítico e o terceiro período ou período crítico. No caso do período crítico, foi quando aconteceu o estabelecimento e padronização do texto encontrado na grande maioria dos manuscritos usados pela Igreja Antiga e Medieval. E esse texto é conhecido como texto bizantino, sírio, tradicional, eclesiástico ou majoritário e a expressão TEXTUS RECEPTUS, que é o estágio marcado pela aceitação incondicional do texto até então amplamente utilizado pela igreja, com poucas diferenças entre as edições publicadas é extremamente utilizada para categorizar esse texto. Com relação ao período pré-crítico, entende-se que ele foi iniciado pela publicação da edição de John Fell em 1675 e vai até antes de 1831, que foi quando Lachmann publicou um texto que se afastou daquilo que vem a ser o TEXTUS RECEPTUS. Foi um período marcado pelo acúmulo de evidências textuais pelos críticos, bem como, pela elaboração de teorias que viriam a ser aceitas e desenvolvidas no período posterior, repudiando o texto majoritário do grego do NT, que foi amplamente aceito no período anterior. Mesmo sendo um período de acúmulo de críticas, o TEXTUS RECEPTUS continuou sendo o texto francamente aceito pela Igreja e as críticas contrárias a ele foram consensualmente rejeitadas. Por fim, o período crítico começa com Lachmann em 1831 e se estende até os nossos dias. Esse terceiro período, caracteriza-se pelo afastamento do TEXTUS RECEPTUS de um modo tal que surge o texto considerado eclético, o qual, baseia-se em um número reduzido de manuscritos, antigos e discordantes entre si.

Após as explicações históricas, o autor conduz uma exposição descritiva acerca da teoria Wescott-Hort, apresentando as abordagens da mesma e enumerando as críticas que outros estudiosos têm tecido acerca dela. Esse procedimento é conduzido de uma forma tal que se consegue perceber os argumentos teóricos de Wescott-Hort e apreender a lógica que eles utilizam na tratativa do texto grego do Novo Testamento, lógica essa que pode ser compreendida como um tanto *lato sensu*, em que o texto é tratado levando-se em consideração tanto aspectos intralinguísticos quanto extralinguísticos. Pessoalmente, compreende-se que, longe de ser infalível, essa teoria tem seu valor e utilidade, pois, não trata o texto de forma estanque, mas, sim, passível de sofrer inferências e ingerências humanas propositadas e identificáveis mediante análises discursivas e verificações diversas. Finalmente, posiciono-me pelo texto majoritário sem desprezar Wescott-Hort.